

Uma experiência do trabalho comunitário no concelho de Oeiras

MARIA DA NATIVIDADE LOPES *
CARLOS P. XAVIER **

INTRODUÇÃO

O problema das toxicodependências juvenis tal como o alcoolismo, certos comportamentos delinquentes e grande parte da patologia mental classicamente considerados da alçada da psiquiatria são actualmente compreendidos como um fenómeno complexo implicando uma abordagem a vários níveis e a intervenção dos múltiplos personagens do psicodrama social. Nas suas dimensões essenciais — afectiva, biológica e relacional — o fenómeno «mexe» com a família e a escola, as instituições de saúde física e mental, os poderes estabelecidos e os órgãos de repressão e de coacção. Problema que diz respeito a todos, deverá ser abordado no seu conjunto numa perspectiva alargada e com a colaboração de todos os intervenientes na vida social. Tanto mais que esta situação é confrontada actualmente pela civilização ocidental, civilização que se foi alargando a todo o planeta (sob formas directas e indirectas) no momento em que se desenvolvem nela germes cada vez mais irredutíveis de insuficiências, fracassos e contradições.

Uma intervenção na comunidade assente não na soma mas na articulação funcional

dos factores em causa pareceu-nos uma via interessante a experimentar no nosso trabalho de prevenção e de profilaxia das toxicodependências.

Foi na sequência deste raciocínio que tentámos uma experiência de acção comunitária baseada na intervenção simultânea e em colaboração com as instituições existentes e a população local.

A nossa acção incidiu essencialmente sobre um bairro de um concelho da periferia de Lisboa onde encontrámos condições favoráveis a uma experiência deste tipo.

CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA

O concelho de Oeiras situa-se numa área limítrofe da cidade de Lisboa e é constituído por quatro freguesias: Barcarena, Carnaxide, Paço de Arcos e Oeiras.

Com uma área de 46,3 km², nela se implanta uma população estimada em 163 316 habitantes, dos quais 52,8 % são do sexo feminino¹.

Pode-se considerar explosivo o crescimento populacional no Concelho: em 1950

¹ Inquérito Socioeconómico do Concelho de Oeiras — Agosto 1980, CEMASE (Centro de Estudos de Mercado e Análise Socioeconómica).

* Médica e Psicóloga.

** Sociólogo e Técnico de Serviço Social.

a população era de 34 300 habitantes; em 1960 de 46 900 habitantes; em 1970 de 68 100 habitantes; em 1975 de 119 580 habitantes. De notar que nesses últimos 5 anos houve um acréscimo de 22,5 % sobre a média de crescimento que então se verificava, de 10 em 10 anos. De 1950 a 1980, a população do Concelho quintuplicou.

Relativamente à proveniência, 12,2 % dos habitantes são vindos das ex-colónias e, destes, 43,1 % fixaram-se na freguesia de Oeiras e 36,5 % na de Carnaxide.

No que respeita à caracterização da população por grupos etários, pode verificar-se que o maior número de habitantes se distribui nas faixas etárias dos 5/19 anos de idade, e 29/34 anos, sendo as seguintes aproximadas, começando a verificar-se um decréscimo a partir dos 49 anos.

QUADRO I

A DISTRIBUIÇÃO EM CLASSES ETÁRIAS NO CONCELHO DE OEIRAS

	%
5 anos	7.5
5 a 9 anos	8.1
10 a 14 anos	8.0
15 a 19 anos	8.0
20 a 24 anos	7.4
25 a 29 anos	7.3
30 a 34 anos	8.0
35 a 39 anos	7.3
40 a 44 anos	7.3
45 a 49 anos	7.5
50 a 54 anos	6.7
55 a 59 anos	4.7
60 a 64 anos	3.8
65 a 69 anos	3.2
70 a 74 anos	2.4
75 ou mais	2.8
N/R2

Relativamente às infra-estruturas de apoio à criança: até aos 6 anos, 59 % ficam com familiares, quando os pais vão para o trabalho; 85 % passam os seus tempos livres em casa. Por isso,

os munícipes apontaram, no referido inquérito, como prioritária, a construção de jardins e parques. Segundo dados fornecidos pela Saúde Escolar do Concelho, a população escolar no ensino oficial, e referente a Oeiras, Paço de Arcos e Barcarena, foi no ano lectivo de 1980/81 de: 4000 alunos para o ensino primário, 2500 para o ensino preparatório e 3600 para o ensino secundário. Para este último, a Escola mais importante é a do Liceu de Oeiras (dados fornecidos pelo C. D. da Escola), que nos últimos 5 anos lectivos registou a seguinte população: 1976/77 — 3600 alunos; 1977/78 — 3600; 1978/79 — 3900; 1979/80 — 3800; 1980/81 — 3600. Para o ano lectivo de 1981/82, a população escolar foi de 2500 alunos, devido ao facto de terem passado a existir mais três escolas secundárias: uma em Paço de Arcos, outra em Linda-a-Velha e ainda outra em Algés (12.º ano). De notar ainda que o Liceu tem um dimensionamento para 900 alunos.

Relativamente à habitação: 42 % é própria (46,8 % em Carnaxide, 36,8 % em Oeiras) e 54 % alugada. Dos 42 % da habitação própria, 27 % foi adquirida através de empréstimo de instituições de crédito.

O peso das casas de 3 e 4 assoalhadas é significativo: 33,2 % e 27,2 %, respectivamente. Note-se, no entanto, que na freguesia de Carnaxide 58,1 % são de 6 assoalhadas e na de Oeiras 44,1 % são de 7 assoalhadas e 42,8 % de 10 ou mais assoalhadas (estas serão vivendas).

No entanto, 14 % da população vive em áreas degradadas dispersas por 12 lugares, diluídas nas manchas populacionais (zonas de barracas).

Relativamente à profissão do chefe da família, há a considerar o grande peso dos quadros superiores médios (26,8 %) e também dos empregados na indústria e no comércio (19,4 %) e operários (20,4 %).

É de notar que o peso de 20,4 % de não-activos é considerável. Se excluirmos destes os reformados, 9,5 %, o que corresponde a 15 596 pessoas, ficarão 10,9 % (correspondentes a 17 801 que, possivelmente, serão desempregados).

Quanto à instrução do chefe de família, a maior representatividade vai para os universitários e liceais (54,7 %).

No aspecto de volume de rendimento familiar, há a considerar o peso significativo dos agregados que auferem mais de 30 000\$00 (19 por cento). De 20 a 30 000\$00 a percentagem é de 26,3 %; de 20 a 10 000\$00 de 39,8 %; e menos de 10 000\$00 de 12,2 %. De notar que, dos que auferem mais de 30 000\$00, 8,5 % beneficiam de mais de 40 000\$00.

No que respeita ao local de trabalho, os residentes no concelho trabalham essencialmente em Lisboa (42 %), na zona da residência (38 %), no local da residência (5 %). 10 % dos habitantes trabalham por conta própria.

55 % da população que trabalha fora do concelho leva de 20 a 60 minutos para chegar ao local de trabalho, e 10 % mais de 60 minutos.

25,2 % utiliza automóvel próprio e 73,2 %, a Rodoviária Nacional para se deslocar.

Uma grande percentagem de pessoas que trabalha fora do concelho só à noite regressa a casa.

Com base nos dados atrás referidos, podemos concluir que:

— o concelho de Oeiras é densamente povoado, aumentando essa densidade em manchas populacionais situadas junto de vias de comunicação importantes, como a via férrea Lisboa-Cascais, a auto-estrada e a estrada marginal;

— a população tem crescido explosivamente a partir de 1970, tendo ultra-

passado a taxa de crescimento de Lisboa e do país, no geral;

— de proveniência variada, é de notar que uma parte significativa da população é originária das ex-colónias;

— pode-se considerar insuficiente a existência de infra-estruturas de apoio às crianças em idade pré-escolar e, como tal, torna-se patente o peso da importância dos familiares que as cuidam, enquanto os pais vão para o trabalho;

— quanto ao equipamento escolar do concelho, a nível do ensino básico e secundário, pode-se considerar superlotado; por exemplo, a Escola Secundária de Oeiras (Liceu) que funciona em três turnos, apesar da existência de mais 3 escolas, em Paço de Arcos, Linda-a-Velha e Algés, a sua lotação está ainda excedida no triplo;

— relativamente a infra-estruturas para a ocupação dos tempos livres para crianças, são praticamente inexistentes, já que neste aspecto os familiares e a casa voltam a ter peso preponderante;

— para os jovens, essas infra-estruturas representativas, e as poucas que existem são de iniciativa privada (Escuteiros, grupo de jovens da Paróquia, Biblioteca Operária de Oeiras); no Liceu, no ano lectivo de 1980/81, houve actividades, mas de iniciativa de alguns professores;

— numa forma geral, a maioria da população beneficia dum nível de vida médio ou médio-alto, no contexto português, coexistindo disseminadamente, no entanto, a nível dos rendimentos e habitação, pequenos núcleos com condições de vida degradadas e onde o analfabetismo e a desocupação são representativos.

Desta breve análise e duma forma geral se conclui, por fim, que existe no conselho um crescimento populacional sem correspondente resposta, pela criação de infra-estruturas, que, associada à crise generalizada nos mais diversos sectores de vida, por certo cria graves problemas de características psicossociais, que por sua vez afectarão com especial incidência as camadas mais jovens da população.

INTERVENÇÃO DA EQUIPA DO CEPD/DRS

Foi neste contexto que fomos contactados pelo Conselho Directivo do Liceu de Oeiras, a braços com uma situação de agitação entre os alunos, a propósito das eleições para a Direcção da Associação de Estudantes, em Janeiro de 1980. Houve desordens e distúrbios bastante graves, que motivaram a intervenção das forças policiais e o encerramento do Liceu durante alguns dias.

Os técnicos do CEPD da Equipa Psicopedagógica (EPP) que se deslocaram ao Liceu de Oeiras durante este período perturbado depararam com um grupo de professores surpresos e inquietos, mas desejosos de perceber o porquê de uma tal violência e conscientes de que havia algo mais a fazer do que chamar a polícia e castigar os culpados.

Tivemos duas sessões com este grupo de professores, onde foram abordados essencialmente aspectos relativos à psicologia dos adolescentes e comportamentos «associais» e «desviantes».

Após estes primeiros contactos desenvolveu-se uma série de acções dentro do Liceu e na comunidade, que vamos resumir seguidamente:

Começámos por organizar sessões de sensibilização dirigidas aos professores directores de turma do Liceu, sobre temas

previamente acordados e considerados importantes pelos próprios professores. O Conselho Directivo deu conhecimento desta iniciativa ao Ministério da Educação, à Associação de Pais do Liceu e à Delegação de Saúde de Oeiras. Na sequência desta metodologia, as instituições referidas manifestaram interesse em participar nas sessões, nomeadamente elementos da Delegação de Saúde e da Associação de Pais, pelo que se decidiu em comum acordo integrar no grupo dos professores, além do médico escolar do Liceu, duas enfermeiras ligadas às valências do Plano Familiar e de Saúde Escolar da Delegação de Saúde de Oeiras. A Direcção-Geral do Ensino Secundário enviou um observador que assistiu a algumas sessões. Quanto à Associação de Pais, optou-se por uma acção separada, já que a abordagem dos pais nos parece necessitar de orientação diferente e de horários também diferentes. A nossa prática tem-nos ensinado também que é mais eficaz o trabalho com grupos pequenos.

Fizeram-se, assim, oito sessões com professores do Liceu e técnicos de saúde e duas sessões com os pais dos alunos. As duas sessões com pais realizadas à noite foram organizadas por iniciativa da Associação de Pais do Liceu, mas abertas a todos os pais, membros ou não da referida Associação, cujos temas se discriminam no Anexo I.

Algum tempo depois, um grupo de pais residente no Bairro da Medrosa, onde fica situado o Liceu, preocupado pela violência gerada por jovens que frequentam o Liceu e as escolas do Bairro, dos quais alguns são os próprios filhos, pediu a nossa colaboração para os ajudarmos a perceber essa violenta contestação juvenil e a procurar os meios de lidar com ela. De notar que uma das enfermeiras da Delegação de Saúde que tinha assistido às sessões com os professores do Liceu, reside no Bairro da Medrosa, tem filhos no Liceu,

sendo um dos elementos mais activos deste grupo de pais.

Paralelamente, começaram a desenvolver-se alguns programas em colaboração com a Delegação de Saúde de Oeiras, nomeadamente com as valências de Saúde Escolar e de Planeamento Familiar.

Com as equipas de Saúde Escolar houve uma troca de experiências numa perspectiva da prevenção no campo de Saúde Mental, através de alguns encontros durante os meses de Julho, Agosto e Setembro, aproveitando as férias escolares. Destes contactos resultaram intervenções pontuais junto dos professores e pais de escolas primárias e escolas do ciclo preparatório do Concelho, onde se abordaram questões relacionadas com os factores psicossociais susceptíveis de perturbarem o desenvolvimento harmonioso e saudável das crianças, focando a importância da «instituição escola» neste processo.

Com a valência do Planeamento Familiar, a nossa colaboração partiu da pré-existência de iniciativas em curso que, a certa altura, coincidiram no seu desenvolvimento e alargamento com a nossa própria intervenção.

É óbvio e evidente que os problemas postos pelos adolescentes estão estreitamente relacionados com a sexualidade. Não é impunemente que o período chamado «adolescência» começa com a puberdade, isto é, quando a reprodução se torna possível. Terminada a idade da «inocência», em que os actos ainda não têm consequências, entra-se na fase da «potência» e da sua inerente responsabilidade. Com o início da puberdade e durante a adolescência, os jovens humanos entram progressivamente na posse dos seus «poderes adultos», devendo evoluir normalmente para a autonomia e a independência. Neste processo evolutivo os jovens vão confrontar-se com as regras pré-estabelecidas pelas quais as sociedades necessariamente se regem.

Todos sabemos também que actualmente as normas que regulam os grupos sociais estão caducas e ultrapassadas.

Os jovens sentem-se desamparados e os adultos, os pais sobretudo, entram muitas vezes em pânico.

Os técnicos da valência de Planeamento Familiar do Centro de Saúde de Oeiras, confrontados diariamente com esta realidade e convencidos da necessidade de uma intervenção na comunidade tinham um projecto; nós achámos que podíamos participar nesse projecto.

O projecto da equipa de Planeamento Familiar era, inicialmente, levar aos jovens um informação correcta sobre sexualidade e, eventualmente, sobre as possibilidades que existem para se conseguir um bom planeamento familiar. A metodologia proposta foi a seguinte: com prévio acordo dos pais abordados individualmente foram organizados dois grupos de jovens dos 12 aos 15 anos, rapazes e raparigas, em grupos separados, no Bairro da Medrosa. Os pais a quem foi pedida uma autorização formal foram cuidadosamente informados sobre a finalidade e o programa destas reuniões.

Quando entrámos em contacto com esta equipa de Oeiras, já tinha sido realizada uma das reuniões com boa participação dos jovens e de uma maneira geral bem acolhida pelas famílias.

Entretanto, fomos tendo reuniões com o grupo de pais do Bairro da Medrosa sobre «problemas dos jovens», os quais se mostraram igualmente muito interessados pelo tema «sexualidade».

Diante dos bons resultados obtidos, decidimos de comum acordo organizar uma reunião com um grupo de rapazes e raparigas mais velhos e, por isso, sem necessidade da prévia autorização dos pais. Os jovens convidados, todos residentes no Bairro, foram informados da reunião pelos membros do grupo de pais ao sabor das

relações de vizinhança e de convivência no Bairro. A reunião, promovida pela valência de Planeamento Familiar, com a nossa colaboração, teve lugar numa sala do Centro de Saúde de Oeiras cedida para o efeito pelo Delegado de Saúde, que concordou com esta iniciativa.

O número de jovens que vieram a esta primeira reunião, cerca de 70, ultrapassou o número de rapazes e de raparigas contactados, pois muitos deles trouxeram amigos e conhecidos.

A nossa intervenção consistiu em apoiar uma dinâmica de grupo, com o fim de alargar esta acção a outros assuntos de interesse para os jovens.

Desta conjunção de esforços saiu uma lista de temas a serem abordados em sessões futuras, que transcrevemos no Anexo II, tal como eles foram redigidos pelos próprios jovens.

Como se pode ver, alguns dos jovens presentes foram de opinião que os pais deviam ter também reuniões onde fossem discutidos vários assuntos, entre eles, a educação sexual.

Face aos dados recolhidos, fizeram-se durante um ano escolar reuniões mensais, nas tardes de sábado, para um grupo de rapazes e de raparigas mais ou menos numeroso, e dos quais uma trintena se manteve coesa durante todo o ano, permitindo uma certa continuidade no diálogo. Alguns temas foram tratados pelo ginecologista e enfermeiras que animam a valência de Planeamento Familiar do Centro de Saúde de Oeiras, outros por técnicos da Associação para o Planeamento Familiar, outros por técnicos do CEPD dos departamentos de prevenção primária e de prevenção secundária, técnicos de instituições ligadas à prostituição, técnicos ligados à saúde materno-infantil, etc.

Assistimos praticamente a todas as sessões, quer como responsáveis ou animadores, quer como simples assistentes e intervenientes nos debates, e podemos afir-

mar que foi riquíssima a experiência que nos trouxeram.

As reuniões com o grupo de pais do Bairro da Medrosa realizaram-se quase sempre à noite e em locais mais ou menos improvisados, por vezes na residência de um dos membros do grupo. Algumas tiveram lugar no Centro de Acolhimento de Famílias do CEPD.

Convidados a reflectirem mais sobre eles próprios, de preferência a preocuparem-se com o comportamento dos filhos, tentámos através destas sessões desdramatizar situações conflituosas resultantes e geradoras de angústia. Fomos nesta tarefa secundados pelos nossos colegas do do Centro de Acolhimento de Famílias (CAF), quer no trabalho formativo/educativo que nos tínhamos proposto realizar, quer na resposta a situações concretas detectadas nestes contactos numa óptica terapêutica e através de entrevistas individuais.

Foi este grupo de pais que se encarregou dos aspectos práticos das acções descritas anteriormente, tal como: estabelecer o calendário das sessões, contactar os animadores das mesmas, anunciar os temas, etc.

A partir de uma certa altura, já perto do final do ano lectivo, começou a surgir o desejo de alargar esta acção a um grupo maior de pais. Fizeram-se, assim, no Centro de Saúde, 4 sessões para pais sobre a relação pais/filhos ao longo da vida das famílias e a responsabilidade dos pais na educação das jovens gerações na sociedade actual. A organização destas sessões esteve a cargo do grupo de pais inicial e a metodologia utilizada baseou-se em grupos de discussão animadas por nós e por colegas nossos do CAF.

A terminar o ano escolar, o Centro de Saúde de Oeiras organizou, para os jovens e adultos que participaram nestas diversas actividades, um Curso de Sensibilização à Problemática Materno-Infantil e Planea-

mento Familiar, onde se inscreveram 52 pessoas.

Pela nossa parte e após avaliação de trabalho realizado, acordou-se organizar uma consulta no Centro de Saúde a cargo de uma equipa do CEPD que para o efeito se desloca a Oeiras um dia por semana. Esta consulta ambulatória do CEPD entrou em funcionamento em Setembro de 1981.

CONCLUSÕES

De toda a acção desenvolvida durante cerca de 2 anos, ocorre-nos tirar algumas breves conclusões que nos parecem oportunas e que poderão ilustrar, por um lado, a dificuldade de um trabalho deste tipo e, por outro, trazer algumas achegas sobre uma avaliação de situações que reúnam condições mínimas para que acções deste tipo sejam possíveis e úteis.

Uma intervenção na comunidade com uma perspectiva eminentemente pedagógica e educativa exige grandes esforços em termos de tempo dispendido, disponibilidade por parte dos técnicos, dedicação e entusiasmo de todos, maleabilidade e compreensão por parte das instituições.

É essencial que as instituições colaborem, de modo a permitirem a ultrapassagem de pequenas questões meramente burocráticas que, se não forem resolvidas em tempo útil, anulam quaisquer iniciativas válidas e esterilizam a criatividade do cidadão.

No nosso caso, a partir de uma intervenção na crise, desenvolvemos uma acção de sensibilização cujo impacto se difundiu a partir da Escola, tendo esta surgido como recurso junto de pessoas que desejavam ultrapassar a rotina e discutir assuntos que as preocupavam, no âmbito dos comportamentos juvenis desviantes, relações conjugais e parentais, relações pedagógicas e resposta ao desejo dos jovens debaterem questões de importância vital para si e para a sua adaptação social.

Como as pessoas, duma forma geral, têm conhecimento dos problemas através duma prática empírica, desejam que lhes seja proporcionado um espaço organizado para os poderem discutir, sendo o nosso papel o de esclarecimento pontual e apoio na organização de conclusões que eventualmente levarão a acções controladas.

Estes grupos não têm, como se disse, uma finalidade terapêutica. Constatámos, no entanto, que possuem um efeito salutar sobre certas pessoas, desde que se esteja atento às dinâmicas dos mesmos grupos.

Por que foram abordados diversos grupos de acordo com as suas estruturas e objectivos, entendemos que os métodos a adoptar tivessem sido semidirectivos conforme a acção fosse de sensibilização, formação ou acompanhamento, por forma a haver transmissão de conhecimento e sua livre elaboração.

Consideramos importante a utilização dum método rigoroso no trabalho com a comunidade-teoria/observação → hipóteses → prática → avaliação/reformulação → prática, e assim sucessivamente, para se garantir o controlo da situação e fornecer respostas adequadas. Neste caso, como logo de início existiu motivação e certos grupos controlaram a sua acção, segundo a perspectiva metodológica indicada, houve uma garantia de continuidade materializada nos planos e programações realizadas.

Constatamos que há a possibilidade e é desejável que os serviços colaborem entre si, organizadamente, desde que se respeite o princípio da não ingerência nos assuntos internos e as esferas de acção estejam perfeitamente definidas, por mútuo acordo.

Então, a qualidade do serviço prestado é mais diversificada e enriquecedora, não só para os que nele participam, como para os que dele beneficiam, além de se conseguir uma considerável economia de esforços.

ANEXO I

TEMAS TRATADOS

COM OS PROFESSORES

- As Toxicodependências
 - Substâncias Psicoactivas
 - Causas e motivações
- Crise da Adolescência
- Comportamentos «desviantes» na Adolescência
- Papel da Escola na socialização da criança
 - Interação família/escola
 - Delimitação das funções da família e da Escola e vantagens de uma boa articulação
- Análise de casos concretos

COM OS PAIS

- Crise da Adolescência/crise dos Adultos
- Alguns elementos para a compreensão da «Dinâmica Familiar»
- Interação entre a família e a escola no processo educativo

ANEXO II

TEMAS PROPOSTOS PELOS JOVENS

COM OS JOVENS

I

- Gravidez e doenças durante a gestação — rubéola e outras doenças infectocontagiosas
- Parto e assistência à parturiente
- Ciclo menstrual

- Meios contraceptivos
- Laqueação das trompas
- Doenças venéreas
- Sífilis

II

- Determinação dos sexos
- Gémeos siameses
- Albinos
- Grupos sanguíneos

III

- O jovem e a sociedade
- Problemas familiares da adolescência
- Sexualidade
- Homossexualidade
- Aborto
- Adultério
- Delinquência juvenil
- Droga, alcoolismo, tabaco
- Prostituição

COM OS PAIS

- Educação sexual
- Comportamento em casa-tarefas
- Atitude dos pais com os filhos perante notas negativas
- Privar os filhos de distração quando dos chumbos (castigos)
- Droga

RESUMO

A partir de uma situação de crise numa escola secundária dos arredores de Lisboa, os autores desenvolveram durante quase dois anos uma série de acções na comunidade.

A zona em questão sofreu nos últimos dez anos um crescimento demográfico vertiginoso e está a transformar-se numa cidade dormitório. As infra-estruturas escolares, culturais e desportivas são muito

insuficientes para a população actual, muito especialmente para a população jovem.

As acções descritas desenvolveram-se em colaboração com as instituições locais — Escolas, Delegação de Saúde, Centro de Saúde, Associação de Pais e Grupos da População residente na zona, especialmente no bairro onde se situa a escola em questão.

O método de trabalho utilizado foi o método semidirectivo com discussão em pequenos grupos de temas previamente acordados com os membros dos grupos. Deste modo, vários temas tais como: sexualidade, consumo, drogas, marginalidade, violência, etc. foram tratados com a colaboração de especialistas, os quais na sua maioria trabalham e/ou habitam na zona.

RESUMÉ

A partir d'une situation de crise dans une école secondaire de la banlieue de Lisbonne, les auteurs ont menés, pendant presque deux ans, toute une série d'actions au sein de la communauté.

La ville en question est en pleine urbanisation et est destinée à devenir une ville dortoir.

Une croissance vertigineuse de la population pendant la dernière décade ne s'est pas fait accompagner par un développement correspondant des structures scolaires, culturelles et sportives qui sont nettement insuffisantes.

Les actions décrites ont été menées avec des services locaux — écoles, services médicaux et de santé publique, association de parents d'élèves et groupes d'habitants du quartier dans lequel se trouve l'école en question.

La méthode selon laquelle ont été menées les actions a été la discussion par petits groupes de thèmes choisis à l'avance après une préalable consultation aux membres des groupes.

Avec l'aide de spécialistes, qui pour la plupart travaillent et/ou habitent à proximité, ont été traités divers sujets comme la sexualité, la consommation, la drogue, la marginalisation, la violence, etc.

REFERÊNCIAS

- BERGERET, J. — *Rapport de la Comission Inter-Ministerielle de Stupefacients Française*
— Março/1980.